

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

---

5-1-2010

### 05. DIGNIDADE DA IGREJA NO HAITI, OBJETIVO DA MISSÃO, Ao P. Percin

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

---

#### Repository Citation

de Mare, C. (2010). 05. DIGNIDADE DA IGREJA NO HAITI, OBJETIVO DA MISSÃO, Ao P. Percin. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/81>

This IV is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

## 5. DIGNIDADE DA IGREJA NO HAITI, OBJETIVO DA MISSÃO

Ao P. Percin <sup>232</sup>

*O P. Libermann escreve uma longa carta ao P. Pedro Northum Percin<sup>233</sup>; vai enviá-lo para o Haiti; é isso que o leva a escrever esta carta sobre a situação desta terra, onde o P. Tisserant tinha tentado, mas em vão, estabelecer uma Missão do Sagrado Coração de Maria (1843-1845). O olhar de Libermann sobre a população negra do Haiti está isenta de preconceitos ; o mesmo se pode dizer da sua opinião sobre o Haiti e a Igreja que deveria servir essa terra: uma Igreja em estado de missão, ou uma Igreja adulta?*

La Neuville, 2 de Novembro de 1846

Caro padre,

De boa vontade satisfaço o seu desejo de pôr por escrito, sob a forma dum plano organizado, as ideias que lhe expus durante o pouco tempo que passou comigo. Não tenha nunca receio de ser-me pesado pelos conselhos que venha a pedir-me para o bem dessa terra que o seu zelo tão puro e tão generoso lhe deu agora como pátria. Desejo vivamente trabalhar pelo bem do Haiti e sinto-me comovido ao pensar nos sentimentos tão nobres que alimenta a favor dessa terra, o que me leva a fazer tudo o que estiver ao meu alcance para lhe ser útil. Lamento ter de passar completamente ao lado das questões religiosas no Haiti por estar convencido que a Providência divina não quer que eu me envolva nisso. Espero que esses problemas se venham a resolver sem a minha intervenção e melhor ainda do que se eu interferisse.

Por certo que eu me sentiria feliz se pudéssemos trabalhar no Haiti, em favor de um povo tão bem disposto e tão cativante pelos sentimentos religiosos que o animam; mas há ainda uma razão geral bem mais forte que me levava a aceitar de boa vontade essa tarefa. Se tivéssemos conseguido fundar um estabelecimento na República, estou certo que o nosso êxito teria sido total. Passados poucos anos teríamos dado a todos uma prova da falsidade e da má fé dos que caluniam imprudentemente uma grande porção do género humano; teríamos destruído com factos os preconceitos ridículos que, infeliz-

<sup>232</sup> ND VIII, pg. 333-342.

<sup>233</sup> Cf. índice onomástico.

*Congregação do Espírito Santo*

mente, têm alimentado a ambição e o interesse dum punhado de homens em detrimento de tantos milhões de almas, criadas à imagem de Deus, e resgatadas pelo sangue de Jesus Cristo. Estou convencido de que o nosso sucesso teria sido total e teríamos mostrado aos difamadores dos africanos que estes não são menos filhos de Deus por não terem a pele branca, que não têm menos nobreza de alma, nem são menos capazes de receber a fé, a sã moral, os verdadeiros princípios e a prática da civilização; numa palavra, que a cor não traz nenhuma inferioridade em nada.

Você que tem uma sensibilidade tão apurada, que está pessoalmente interessado nesta santa causa, decerto compreende, melhor que muitos outros, o quão importante teria sido a fundação desta obra. A sua implantação no Haiti teria sido fácil e rápida; na Guiné teremos toda a espécie de dificuldades e quem sabe se eu vou viver até poder ver o resultado dos nossos esforços! Pode imaginar como é vivo o meu desejo de levar a cabo esta tarefa, que por sua vez seria uma fonte de bênçãos para o conjunto dos trabalhos que devemos empreender.

Mas Deus não o quer, bendito seja o seu nome! Confesso-lhe que sofro profundamente, mas submeto-me plenamente à vontade divina! Aliás, o que não posso eu fazer no Haiti, Deus quer talvez que você e outros o façam e o resultado será na mesma um protesto enérgico contra os preconceitos injustos dos homens, como se viesse de mim. Coragem! Deus estará consigo!

Mas vamos ao assunto. Vou responder, de maneira franca e categórica, à questão central das conversas que tivemos, e dizer-lhe o que penso sobre a situação no Haiti e sobre a maneira de se chegar a um acordo, de se conseguir finalmente uma solução boa e conveniente para a República.

Para se conseguir remediar a situação deplorável da religião, no Haiti, é preciso conhecer a relação dessa terra com o catolicismo, e, nesse sentido faço-lhe duas observações :

1º - A Igreja do Haiti, vistas as coisas tal como são, não pode ser considerada uma Igreja em estado de missão. Uma terra civilizada, toda ela cristã desde tempos imemoriais, com paróquias bem organizadas e delimitadas, com um governo regular constituído à maneira dos demais governos da Europa civilizada, merece ter certamente uma Igreja constituída, com estatuto próprio, em pé de igualdade com todas as outras Igrejas particulares, for-

*Antologia Espiritana*

mando com todas elas a Igreja universal. Enquanto não gozar desta posição respeitável a par das outras Igrejas, a Igreja do Haiti não se pode sentir normal, antes será presa de mal-estar e de desordens; estas irão desagradar e ser tidas como indignas por qualquer membro entendido da Administração. Posto isto, não me surpreende nada que o P. Tisserant não tenha sido bem sucedido, apesar da firmeza do seu zelo, e das suas eminentes qualidades. O Governo tinha de sentir repugnância em aceitar um prefeito apostólico. Eu bem sei que nem a Congregação da Propagação da Fé nem o P. Tisserant tinham intenções de manter esta terra durante muito tempo em estado de missão: tratava-se duma situação provisória até se ter uma Igreja solidamente estruturada. Mas isso não impedia que a terra sentisse uma grande repugnância por semelhante estado de coisas.

2º - Está provado e à evidência que a Igreja do Haiti não pode ser uma Missão, mas deve ser uma Igreja particular. Para se constituir uma Igreja particular, é preciso um bispo cuja autoridade seja fixa e permanente. Este bispo precisa de colaboradores, duma administração espiritual que, sem de forma alguma alienar a sua independência, se conviva em perfeita harmonia com a administração temporal, que, mantendo-se bem dentro dos princípios sólidos da fé e da administração eclesiástica, completamente fora da atividade política, preste, contudo, uma ajuda eficaz ao Governo na manutenção da ordem, pela pregação das máximas e da moral cristã e pela sua influência espiritual sobre as populações. Ora, creio que aqui é que está a Maior dificuldade, dado o estado atual dessa terra.

Repito que é aqui que está o problema. Aqui há uns anos, houve quem, à primeira vista e sem aprofundar as coisas, me quisesse convencer de que o Governo se opunha ao estabelecimento de uma administração espiritual. Acreditei porque não conhecia a terra; tinha de me contentar com o que outros, pretensamente bem informados, me contavam.

Depois de aí ter estado o P. Tisserant, e de me ter fornecido dados objetivos sobre os acontecimentos aí ocorridos, sobre a mentalidade dos habitantes, bem como sobre as circunstâncias que rodearam quer a negociação antecedente quer os seus próprios trabalhos, tenho examinado essa opinião e meditado muito sobre ela, e estou convencido que temos feito juízos muito precipitados e superficiais, como infelizmente sucede tantas vezes.

Estou convencido que não é aí que reside a dificuldade. O Governo,

*Congregação do Espírito Santo*

como todos os outros governos, deve sentir necessidade de ter como apoio a influência moral da religião. Dizer que é inimigo do catolicismo, e que o procura destruir, é um insulto inadmissível. Os membros do Governo poderão não ter fé, poderão até, como consequência do incômodo causado pelo estado lastimoso da religião, ter pensado, em certas circunstâncias, em favorecer a entrada do protestantismo; mas daí a dizer que é por ódio ao catolicismo que se comportam assim, nem pensar! O ódio não pôde influenciar a conduta do Governo porque é evidente que geralmente, no século em que vivemos, os que exercem funções de governo não dão importância a ódios nem a questões pessoais. O próprio imperador Nicolau, que é um perseguidor declarado, não se comportaria de maneira tão tirânica a não ser no âmbito político e administrativo.

Ora olhando as coisas sob o ponto de vista político e administrativo, é fácil ver como uma Igreja bem organizada presta uma grande ajuda ao Governo e este, necessariamente, se sente obrigado a apoiar o estabelecimento desta Igreja. Se Napoleão com o seu poder de ferro, por razões puramente políticas e administrativas, descobriu que era necessário o restabelecimento da religião para fortalecer o seu poder, com muita mais razão uma terra com um Governo constitucional, e com liberdade plena em toda a sua extensão; é precisa neste caso, ainda mais do que numa monarquia, uma força moral, só ela capaz de manter na ordem os espíritos livres dum povo, e neles conservar os princípios mais sólidos, garantes da ordem.

Não é aí que está o problema, mas sim na situação em que se encontra essa terra. No estado atual das coisas, o Haiti vê-se obrigado a aceitar estrangeiros para administrar os assuntos espirituais e até mesmo para desempenhar funções. É uma situação anormal que provoca mal-estar na Igreja do Haiti e a mantém na posição errada em que se encontra, sem dispor sequer dum homem que possa ser elevado ao episcopado, impossibilitada de fornecer o pessoal necessário para colaborar com o bispo e o ajudar nos cargos superiores da administração da diocese, e até de prover as principais paróquias para a administração particular das mesmas, vendo-se por isso obrigada a recorrer aos estrangeiros para o desempenho estas funções importantes.

É para admirar de que o Governo ponha dificuldades em aceitar uma administração estável e solidamente constituída? Não pode ter confiança suficiente nos estrangeiros, porque não os conhece, e estes, por sua vez, também

*Antologia Espiritana*

não conhecem suficientemente a mentalidade e os costumes dos haitianos.

Toda a gente sente que se não houvesse outra maneira de remediar a desordem em que se encontra a religião, o Governo ver-se-ia obrigado a confiar na escolha da Santa Sé, que, como ele bem sabe, está interessada em fazer exatamente o que convém ao Governo haitiano; mas é natural que as pessoas que governam a República procurem encontrar uma solução mais adaptada às necessidades e à situação presente.

Agora já pode compreender porque é que o Governo haitiano sempre aceitou com gratidão as aberturas que a Santa Sé lhe fez e porque é que, ao chegar à hora da execução, todas as negociações falharam. Aceitava com alegria as primeiras aberturas porque sentia uma necessidade premente de sair da posição errónea e crítica em que se encontra em matéria de religião. Quando se tratava de passar à prática, as dúvidas surgiam e vinham ao de cima, porque tinha de se aceitar que fossem estrangeiros a assumir o poder espiritual; então optava por atrasar o processo. Talvez ainda não tenha entendido bem que com este atraso o mal aumentava e as dificuldades em se livrar dele se tornavam cada vez Maiores.

Aqui tem a minha opinião sobre a situação da Igreja do Haiti, e a raiz de todos os obstáculos que têm impedido até ao presente as negociações da Santa Sé com o Governo da República. Toda a pessoa sensata e sincera, que não julgue superficialmente as coisas, compreenderá a justeza das minhas observações e concordará comigo. Bem sei que muitos dizem, e como eu também você o tem ouvido, mas sem de certeza o acreditar, que os sacerdotes, instalados nessa terra, que receiam uma organização regular que os obrigue a uma reforma de vida, alimentam o Governo com preconceitos contra a Igreja, sendo assim os causadores da sua recusa em estender a mão às tentativas de aproximação da Santa Sé. É uma razão tão absurda que nem concebo como é que pessoas com alguma sensatez tenham podido dar-lhe crédito.

Os governantes não podem deixar de dar o devido desconto à oposição desses padres que só se mantêm pela anarquia e que o que mais receiam é que haja um clero nascido e formado nessa terra, porque um tal clero tirar-lhes-ia as paróquias principais e ficaria à frente das repartições eclesiásticas. Parece, portanto, evidente que não é aí que está o problema. Vamos agora à solução que se deveria dar a essa dificuldade.

*Congregação do Espírito Santo*

Se houvesse agora um homem natural da terra, que tivesse a confiança do Governo e que desse garantias à Santa Sé da ortodoxia da sua doutrina, cortava-se o nó górdio dum só golpe. O Governo apresentá-lo-ia e a Santa Sé iria aceitá-lo para ser revestido dos poderes do Episcopado. Mas tal homem não existe. Seria preciso formá-lo, seria também preciso formar os seus colaboradores, haitianos nativos; esses colaboradores ser-lhe-iam precisos para o ajudar na administração, para ocuparem as paróquias mais importantes e, pouco a pouco, iria precisar de mais para prover as paróquias mais pequenas; assim, com o tempo, a terra ver-se-ia livre dos estrangeiros, que muitas vezes ali permanecem só por razões de interesse ou por serem rejeitados na sua terra natal. Para fornecer este bispo e estes cooperadores seria preciso uma escola de ciência e de virtude, seria preciso um seminário.

Mas para poder haver um seminário, tinha de haver uma autoridade que desse poderes ao seu reitor. E qual seria essa autoridade? E cá estamos nós precisamente no âmago da questão: seria um bispo titular, bispo de Port-Républicain? Um padre, nascido fora da terra, não dará ao Governo confiança suficiente para que este o aceite. Por isso seria de todo necessária uma autoridade provisória, cujo objetivo fosse tirar a Igreja do Haiti do círculo vicioso em que se encontra, fornecendo-lhe um clero nativo, preparando indivíduos que ocupassem a sede episcopal e desempenhassem as funções mais importantes e que exigem a confiança da gente da terra.

Esta autoridade não pode ser dada sob o título de vigário nem de prefeito apostólico; isso equivaleria a tratar a Igreja do Haiti como terra de missão, e colocá-la numa posição anormal que repugna naturalmente aos homens distintos da República.

Mas não haveria maneira de acabar com esta dificuldade? Quem impediria o Governo do Haiti de se dirigir à Santa Sé para lhe manifestar o desejo de ver, finalmente, a Igreja do Haiti libertar-se do seu estado de desolação e da sua viuvez? Facilmente faria compreender que não é a altura de dar a esta Igreja um bispo titular, porque não se encontraria ninguém que tivesse a confiança dos da terra para ser investido em cargos de modo irrevogável, pelas razões já mencionadas e talvez ainda por outras. Faria ver também que não pode consentir em que se nomeie um prefeito apostólico porque a Igreja do Haiti é e deve ser considerada uma Igreja estabelecida e não um território de missão; que, por conseguinte, se lhe deve dar uma administração interina sob tutela direta do Sumo Pontífice para formar o futuro bispo e os seus cooperadores e que

*Antologia Espiritana*

---

gozaria de um poder espiritual provisório até que fosse possível recrutar na própria terra uma pessoa digna do Episcopado. Creio que seria bom que o administrador interino fosse bispo. Receberia um título “in partibus” como já se fez em casos destes em Lyon e noutros sítios.

A dignidade episcopal teria uma tripla vantagem: serviria de consolação para o povo, e de autoridade para os padres, levando-os a cumprirem melhor o seu dever; Roma reconheceria, por esta denominação oficial, a sede de Port-Républicain como nunca tendo deixado de ser sede episcopal. Finalmente, a Igreja do Haiti não teria necessidade de recorrer a países estrangeiros para a formação dos seus jovens seminaristas. Esta autoridade não provocaria nenhum incómodo, uma vez que seria provisória, podendo ser removida em qualquer altura.

Resumindo, seria preciso no Haiti um bispo e um clero nativos; para isso é preciso um Seminário e para ter um Seminário seria necessária uma autoridade espiritual. Esta autoridade não poderia ser, para já, um bispo titular, muito menos poderia ser um vigário ou um prefeito apostólico. Tratar-se-ia de pedir um administrador interino da diocese, cujo objetivo seria preparar aspirantes dignos de ser colocados um dia à frente da Igreja de Port-Républicain e que seria removido logo que se tivesse alcançado o objetivo almejado com a designação de um candidato que o Governo apresentaria à Santa Sé. E então seria a altura de solicitar uma concordata.

Este caminho é simples, vai direto ao alvo e elimina todos os obstáculos sérios.

Quando os Bourbons regressaram a França, o Cardeal Fesch, tio do Imperador, foi obrigado a resignar. Como não queria abandonar a sua sede, foi pedido um administrador, que ficou no cargo enquanto o cardeal foi vivo. Logo que a sua morte removeu os obstáculos, D. Pins, administrador, foi obrigado a retirar-se porque o Governo, entretanto, apresentou uma outra pessoa à Santa Sé. No Haiti tal mudança ofereceria menos dificuldades porque a Santa Sé precisa muito e quer com veemência que a diocese de Port-Républicain seja provida dum bispo titular.

Alarguei-me muito mais do que pensava. Tinha vontade de lhe apresentar o meu pensamento em poucas palavras; depois de começar, vi-me obriga-



*Congregação do Espírito Santo*

---

do a explicá-lo com mais detalhe.

Confesso que tenho vergonha de lhe enviar uma carta como esta, cheia de rasuras e de erros, escrita em papel vulgar. Se, no entanto, isto o incomoda, agradeço que mo diga, o que da sua parte seria um gesto de grande humildade que, estou certo, abunda no seu coração. Pode ter a certeza que, se tivesse mesmo tido tempo, teria feito uma cópia, sem rasuras; isso explica por que usei papel vulgar; mas é-me completamente impossível fazê-la. Sabe bem que todos os nossos padres estão em retiro e sou eu que estou a orientá-lo. Sobre isto, nada mais a acrescentar; a sua caridade vai desculpar-me, tendo em conta a minha boa vontade.

Seja corajoso, ponha a sua confiança em Deus e em Maria. Vai viajar numa altura de mau tempo. Deus velará por si. Tenha a certeza de que o acompanho e não me esqueço de si. Pedirei a Deus tudo o que também você pode pedir para ter uma boa viagem e feliz chegada.

Não se esqueça de apresentar os meus cumprimentos ao Sr. e à Sra. Laforestrie, bem como à piedosa Menina que acaba de dar uma nova cidadã à República.

Se puder escrever-me, dê-me notícias sobre a saúde da Sra. Laforestrie.

Não se esqueça de apresentar também saudações minhas ao Sr. e à Sra. Mirambeau, sobretudo ao Sr. Mirambeau, com quem privei mais.

Adeus, caríssimo amigo. Estaremos longe um do outro, mas os nossos corações estarão reunidos na caridade de Jesus e de Maria.

Todo seu.

**F. Libermann**